

SÃO TOMÉ E PERNAMBUCO SIMILARIDADES ATLÂNTICAS

André Felipe de Souza Menezes[1]

Resumo
Com base na conjunturo do mundo atlântico, é pensada em muitas vezes de maneira geral a proximidade existente entre o continente africano e o Brasil muito pelos estereótipos, em conjunto com o senso comum de uma forma geral que olham primeiro pelo ótica da escravidão sem mesmo pensar nas várias outras semelhaças e similaridades existentes as quais também existiram e de certa maneira aproximam também o continente africano com o Brasil, portanto o trabalho visa destacar similaridades existentes entre Pernambuco e São Tomé no contexto atlântico, sendo a administração como no começo de colonização, que apesar da distância mostram diversas similaridades existentes as quais passam na cultura, difilculdades, administração e modelo de sociedade.

Palavras-chave: História. Cultura. Atlânticos.

Introdução

Este artigo tem como base a pesquisa realizada na produção da monografia intitulada "**DE SÃO TOMÉ A PERNAMBUCO**: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA ADMINISTRAÇÃO LOCAL COLONIAL PORTUGUESA, 1535-1537." A qual o presente artigo tem como base o terceiro capítulo da monografia, mas com algumas diferenças, fazendo uma análise um pouco maior entre o contexto colonial em São Tomé e em Pernambuco, relatando um pouco mais sobre as semelhanças existentes nas duas sociedades atlânticas e em seus processos coloniais, divindades pelo oceano, mas mesmo assim tendo processos e sociedades de certa maneira semelhantes.

Nesse artigo a proposta é dada por analisar também não somente o aspecto na administração colonial, mas de uma forma geral o contexto colonial em si em São Tomé e em Pernambuco, no sentido sociocultural, relatando as similaridades e a importância do processo colonial de São Tomé, e no continente africano para as colônias no continente americano, pois é pensado muito nas semelhanças trazidas por meio da cultura, influência portuguesa e até mesmo na relação próxima existente

[1] Mestrando em História pela Universidade Católica de Pernambuco.



entre o Brasil e Angola no período colonial, muitas vezes deixando de lado as outras colônias africanas e seus processos coloniais.

Sendo assim a proposta do artigo não é somente trazer essa relação de proximidade, de experiências existentes entre o continente Africano e o Brasil de uma maneira geral, pois há uma gama de pesquisas que podem ser feitas no sentido comparativo, social, cultural com relações existentes entre as colônias brasileira e as africanas, tanto em uma pesquisa de similaridade, de experiências trazidas, como também diversas outras possibilidades, as quais o historiador pode estar atento, pois o continente africano e o Brasil tem uma grande proximidade não sendo somente entre Brasil e Angola, ou Benim, mas em relação também a outras regiões como Cabo Verde, Madeira, Nigéria, entre outras regiões, por meio de uma gama e diversidade cultural existente tanto no Brasil como em África.

Portanto a proposta final deste texto não é somente levantar uma questão sobre a proximidade existente nos processos colônias e socioculturais entre Pernambuco e São Tomé, mas também de gerar certos questionamentos para trazer uma atenção não somente na região de Angola, mas para atentar o olhar do historiador para o processo colonial português na região do Atlântico e sobre as similaridades inerentes existentes nas diversas regiões com o Brasil a fim de que possa servir também de possibilidade de pesquisa para outros historiadores que enxerguem até mesmo de outra maneira também o processo colonial brasileiro, e africano.

Processos coloniais, nem tão distintos assim:

Pode-se começar o diálogo por meio das políticas de benesses, as quais configuravam de uma maneira geral um recebimento de um soldo ou pagamento por serviços prestados a coroa portuguesa, assim é preciso entender que tanto Pernambuco como São Tomé foram capitanias também e que tanto Duarte Coelho como Álvaro Caminha foram donatários, um em Pernambuco e o outro em São Tomé, e todos os dois enfrentaram problemáticas para o povoamento da região, como também nas questões administrativas e comerciais, sendo que Álvaro Caminha antes do que Duarte Coelho, mas que as experiências obtidas no atlântico português contribuíram bastante para o desenvolvimento e atuação colonial posterior lusa no Brasil.



Sendo assim indo para a primeira grande proximidade que é em relação a população, tanto em São Tomé como Pernambuco tinham distâncias muito longas da capital portuguesa, proporcionando viagens longas de ida e volta, como também uma enorme dificuldade em atrair aventureiros e pessoas para as capitanias, pela distância e local desconhecido, não sendo muito atrativo pra diversas pessoas, necessitando assim de medidas para contornar tal feito, ressaltando também a diferenciação que há entre a capitania de Pernambuco a qual remete-se a uma colonização feita posteriormente a de São Tomé, apesar de haver diversas similaridades, as medidas tomadas para solução de problemas foram diferentes, tanto baseadas no contexto geográfico, político, sobretudo temporal, pois demonstram claramente suas distinções.

Sem falar da questão da figura do donatário, ou seja, o grande chefe administrador, ocupante do cargo de desenvolver e prosperar a capitania, ocupa um lugar de muita importância, por estarem em contextos diferentes, como serem pessoas diferentes, vivendo em épocas próximas, mas também cada uma com sua particularidade, vão adotar medidas as quais os convém melhor para determinadas ocasiões específicas de suas capitanias.

Dito isto, as duas capitanias tem algo tanto semelhanças e particularidades ao mesmo tempo em seu início de colonização, pois na capitania de São Tomé os primeiros a chegar são de certa forma degradados e crianças cristãs novas[2] separadas de seus pais a força, e que em Pernambuco a vinda do donatário traz consigo uma comitiva diferente para a capitania, vindo com sua família e preparando para o desenvolvimento da região, para produção de engenhos açucareiros.

Em relação a população e seu contínuo ingresso nas capitanias ocorre uma grande semelhança, muito mais baseado na distância e no desconhecimento da capital, como é o caso que ocorre em São Tomé de acordo com Lopo Fernamdez (2000, pp. 53)[3] "... he comtheudo ho qual nos disse ora como por a dicta ilha ser tam allonguada destes nossos regnos há gemte nom quer laa hiir viver senam com mui gramdes liberdades e framquezas."

[2] A historiografia atual reconhece que na perspectiva portuguesa da época não existia judeu, as pessoas eram consideradas como cristão novos, ou seja, apesar de suas origens judaicas sob o olhar português de colonização, eram cristãos novos.

[3] Carta de Lopo Fernamdez datada em 26 de março de 1500, sobre privilégio aos moradores da ilha de São Tomé, retirada da Portugaliae Monumenta Africana, Vol. 3, executada pelo Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 2000.



A qual nos remete a pensar sobre a questão dos privilégios necessários e dados a população tanto na ilha da São Tomé, como no Brasil, para que de certa maneira tivessem um maior interesse em povoar as terras tão longínquas de Portugal, nesse caso tivera de ser feito, fazendo com que tanto os Donatários como seus moradores tivessem muitos privilégios ao povoar as duas capitanias.

Ou seja uma política contínua, para que mais e mais pessoas se interessem em ter seus negócios, e povoar as colônias, de certa maneira, incentivando cada vez mais pessoas a irem povoar essas terras, mas com ressalvas, pois a distância e as condições desfavoreciam muito, além do problema com outros povos, a qual os portugueses de certa maneira tinham uma relação muito frágil, principalmente com relação aos indígenas.

A questão geográfica tanto em São Tomé como em Pernambuco se assemelha com relação ao clima tropical, diferente de Portugal, exigindo também que os colonos necessitassem ter uma adaptação ao novo clima, em contra ponto, favorecendo o cultivo da cana de açúcar, utilizando sobretudo de mão de obra escrava.

Levando em consideração que o donatário de Pernambuco de certa maneira já havia tido experiencia naval[4], em suas navegações para o oriente, é imprescindível que o mesmo tenha tomado conhecimento do que se passava nas ilhas atlânticas, ou seja, já tenha tido uma ideia do que se passava em São Tomé, a um tempo colonizada por Portugal, que cultivavam e utilizavam sobretudo no século XVI com maior quantidade mão de obra escrava para o desenvolvimento e cultivo da capitania.

Portanto de certa maneira com o aprendizado e circularidade de ideias, é importante saber que o Duarte Coelho e sua família já tinham pretensão de realizar algo semelhante no Brasil, e de certa maneira há muita similaridade nas estratégias adotadas para o desenvolvimento da capitania, pois o mesmo assim como Alvaro Caminha em São Tomé, vai a Pernambuco, e isso é de deveras importância para o maior desenvolvimento da colônia, pois as estratégias mesmo parecidas foram se adaptando, cada uma com sua singularidade, mas que a vinda do donatário junto com colonos fez sim uma grande diferença nos dois aspectos coloniais.

[4] Porto, Costa. **DUARTE COELHO,** pp. 8 e 9, a qual se refere ao casamento com dona Beatriz e sua experiência naval nas índias.



Sendo assim o lugar que os dois ocupavam era de deveras importância, para prosperar suas capitanias, de acordo com o que encontravam, tiveram de se adaptar as advertências, Duarte Coelho com os indígenas e franceses, Alvaro Caminha com povos próximos a ilha, e os dois pode-se dizer que procuraram de certa maneira atuar de acordo com seus interesses, mas de maneiras diferentes, desenvolvendo seus tratos.

Pode-se dizer que também foi "trazida" para Pernambuco vindo de outras colônias atlânticas, foi a questão dos pedidos de isenção de mercadorias e livre trânsito de navios, ou seja mais um dos privilégios concedidos da coroa para os colonos além mar, fazendo com que outros também tivessem o desejo de ali povoar a capitania e defendê-la.

Além dessa questão de incentivo a novos colonos irem para as colônias além mar, pode-se dizer que algo de deveras importância no caso dos donatários era a questão da distribuição de terras, as sesmarias[5], como também o caso das alianças de famílias por cargos e interesses em comum[6], que vigorou por longos anos no Atlântico português, ou seja a política do bem comum esteve muito presente ao longo do período colonial e no começo da colonização isso se reflete também tanto nas negociações em África como no Brasil, vai ficando mais intensa a partir do século posteriores, figurando em várias conexões ao longo do Atlântico.

É preciso entender também que as conexões ao longo do império colonial português eram construídas não somente por questões sanguíneas, mas principalmente por interesses, as conexões vão ocorrendo na medida que os poderes são distribuídos ao longo da colonização[7], como também interesses mútuos, as quais ocorre bastante nas duas capitanias, é passível de entender que apesar de determinadas ações não há uma linearidade para as ações e alianças

[5] Fragoso, João; Gouvêa, Maria de Fátima. (orgs.) **Na trama das redes:** política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII. Hespanha, António Manuel. Antigo regime nos trópicos? Um debate sobre o modelo político do império colonial português, pp. 62 a 64. Ed. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de janeiro, 2010.

[6] Fragoso, João; Gouvêa, Maria de Fatima Silva; Bicalho, Maria Fernanda da Baptista. **Uma leitura do Brasil colonial: bases da materialidade e governabilidade no Império.** Penélope: revista de história e ciências sociais, ISSN 0871-7486, Nº. 23, 2000, pp. 68 e 69.

[7] Fragoso, João; Gouvêa, Maria de Fátima. (orgs.) **Na trama das redes:** política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII. Cunha, Mafalda Soares da, Redes sociais e decisão política no recrutamento dos governantes das conquistas, 1580-1640, pp. 62 a 64. Ed. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, Rio de janeiro, 2010.



entre indivíduos, e evidentemente os interesses e as relações interpessoais eram diferentes no além mar.

Ou seja, casamentos, títulos e distribuição de trabalhos para a coroa, estão diretamente ligados a troca de interesses e privilégios dados a determinadas funções na colônia, a distribuições dessas gerariam privilégios e alianças de acordo com interesses de diversos indivíduos, sendo assim tanto na África como no Brasil colonial, os donatários também tinham certos privilégios e construíam suas relações a partir dessas obtenções com da coroa, como também na distribuição de funções e terras para os colonos de acordo com seus interesses, sendo assim os planos de ação para a colonização além mar eram bem específicos, mas de uma maneira geral muito similares, contudo cada um com suas particularidades.

Para tanto mesmo com as particularidades no Atlântico português suas colônias se assemelham bastante no meio político administrativo ao longo do período colonial, como também se tornam muito próximas, pois o modelo para produção e desenvolvimento colonial foi muito similar ao longo das colonizações, por exemplo, a capitania de Pernambuco e São Tomé no seu começo e desenrolar da colonização vão se ocupando cada vez mais no século XVI pela produção e desenvolvimento da cana de açúcar, sendo assim em Pernambuco a concentração de engenhos em sua maioria eram na capitania, antes da ocupação holandesa, mas assim como em outrora no além mar D. João III, isentava os moradores no além mar de pagamento de direitos e tributos a mercadorias exportadas para Portugal, cobrando somente na venda das vilas no reino[8].

Assim como em Pernambuco, os colonos na capitania de São Tomé, antes da colonização da capitania de Pernambuco já tinham diversos privilégios e negócios na África, como visto no primeiro capítulo no desenvolvimento da capitania de São Tomé não tem um impacto tão grande principalmente pela falta de organização prévia e maiores investimentos trazidos antes na capital, assim seguindo também essa ideia pela obtenção de privilégios e isenções nos pagamentos de direitos e tributos, Duarte Coelho atrai mais pessoas e investimentos na capital para o desenvolvimento da colonização da capitania de Pernambuco, talvez essa

[8] Mello, Evaldo Cabral de. **O bagaço da cana.** Os engenhos de açúcar do Brasil holandês. Ed. Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, São Paulo, 2012, pp. 18 e 19.



similaridade na obtenção de recursos prévios para um melhor investimento na região explique sobre o aprendizado para a vinda de Pernambuco.

Contudo as duas capitanias passaram por diversas dificuldades até começar efetivamente a produção da cana de açúcar em larga escala, muito por meio da falta de mão de obra, que consiste em todas as duas na obtenção e utilização de mão de obra escrava dentro da produção de açúcar, no Brasil em seu início com os indígenas e na África pela obtenção da mão de obra africana, mas que a dificuldade manutenção do ciclo da mão de obra sempre foi uma problemática para as duas capitanias no início de colonização.

Portanto apesar da mão de obra indígena ser a majoritariamente utilizada no Brasil colonial como visto no capítulo 2, a obtenção de uma mão de obra em maior quantidade sempre foi algo de maior desejo dos portugueses, assim a capitania de São Tomé que já no final do século XVI encontra-se em seu declínio de produção açucareira em larga escala sendo ultrapassado pela de Pernambuco, se tornando um entreposto de escravos e mercadorias vindos da costa da fortaleza de são Jorge da mina, que muitos foram desembarcando nos portos brasileiros com maior intensidade, ou seja na falta da mão de obra indígena e pela dificuldade de trabalhos, foi se obtendo em maior escala a mão de obra africana principalmente dessa região intensificando o porto de São Tomé sobretudo nos anos de 1518 até 1580[9].

Nesse contexto a continuidade e utilização da mão de obra indígena ao decorrer do século XVI, começa a ficar cada vez mais difícil no Brasil colonial, como visto no capítulo anterior, a obtenção e manutenção da mão de obra indígena cada vez mais foi uma problemática no decorrer da colônia, mas posteriormente com uma maior vinda de africanos para o Brasil e sua utilização de mão de obra, ocorre que os mesmo também se organizam em resistência, assim como ocorrido em São Tomé, que tiveram diversos problemas ao longo do século XVI, por ser um grande entreposto escravista[10].

[9] Sweet, James H. **Recriar África: cultura, parentesco e religião no mundo afro-português (1441 – 1770).** Ed. Edições 70, LDA. Lisboa, 2007, pp. 35.
[10] Ver Alencastro, Luiz Felipe de. **O trato dos Viventes Formação do Brasil no Atlântico Sul** pp. 66 e 67.



No caso do Brasil foi se utilizado muito o contexto da capitania de São Tomé no século XVI posteriormente também no combate dos quilombos, e da resistência escrava no Brasil.

Contudo a sociedade das duas capitanias vão de certa forma se assemelhando, pois a população que vai crescendo não vai ser majoritariamente branca, e vai haver diversas trocas culturais envolvendo no caso brasileiro, indígenas, africanos e portugueses, e no caso na África entre africanos e portugueses, levando a uma via de mão dupla, uma troca cultural forte, contudo sempre vigorando mais a perspectiva do regime político português[11].

Dentro desta perspectiva constata-se que em termos de formação de sociedade São Tomé e Pernambuco tinham suas semelhanças tanto na questão administrativa como na economia, e essas semelhanças também vão repercutir em algumas colônias ao longo do império marítimo português, cada uma com suas especificidades.

Pode-se dizer também que como visto anteriormente a colonização de São Tomé, foi muito baseada na colonização de ouras ilhas atlânticas, mas que por conta da distância com o reino outras medidas foram necessárias, e as relações comerciais e administrativas da ilha vão ficar muito ligadas ao eixo entre a fortaleza de São Jorge da mina, e as outras ilhas, levando em consideração esse pensamento é imprescindível entender que de acordo com o conhecimento empírico de São Tomé como suas relações administrativas, e levando em consideração que o donatário pernambucano também já havia passado um bom tempo no mar, servindo os interesses da coroa, adquirindo uma capitania, iria seguir o “modelo” de colonização parecido como foi em São Tomé.

Continuando é perceptível também a questão administrativa e seus problemas iriam surgir muito em questão com cada uma particularidade, contudo é inegável a semelhança de que todas as duas colônias tentaram buscar cada vez mais privilégios da coroa, como o caso de isenções para transporte de mercadorias,

[11] Neste aspecto constata-se um consenso entre pesquisadores, tanto nas observações de Gilberto Freyre, como na perspectiva histórica de Stuart Schwarcz, como também com Gehard Seibert, na qual as culturas nas sociedades coloniais se entrelaçam, ou seja tanto o dominante como o dominado são influenciados mutuamente um pelo outro, entrelaçando as obras Casa Grande e Senzala, Segredos internos: engenhos e escravos na sociedade colonial, como também no artigo Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social, os quais remetem a essa perspectiva.



soldos maiores, entre outros que foram trazidos para as capitanias do Brasil através de seus colonizadores, levando a crer que muito dessas relações administrativas tiveram suas experiencias em prima nas colônias atlânticas ao longo da costa africana, como por exemplo a questão da política de isenção de taxas, doação terras, funções administrativas, as quais delegavam funções poder e status, para quem as recebia.

Em questão da perspectiva de aproximação das colônias atlânticas, de forma geral vai ocorrendo também conforme as relações começam a ser construídas e desenvolvidas no Brasil colonial em questões administrativas e comercial em partes aprendendo com a colonização feita nas outras ilhas atlânticas ao longo da costa africana, mas em especial a de São Tomé.

Pernambuco como se sabe não fugiu dessa questão, pois é o mesmo que pensar que o conhecimento adquirido por meio da colonização das ilhas atlânticas foram inúteis e que o mundo era um lugar isolado, muito pelo contrário, remetem a uma abordagem diferente feita por Duarte Coelho, na sua vinda a capitania, mesmo tendo suas especificidades e particularidades, é evidente que sem o conhecimento prévio e uma ideia de como ocorreu na África e como estava ocorrendo no além mar, tinha-se uma ideia do que fazer, pois como visto anteriormente o mesmo tinha experiência marítima, e o atlântico não é um lugar isolado de notícias e ideias.

Relações socioculturais

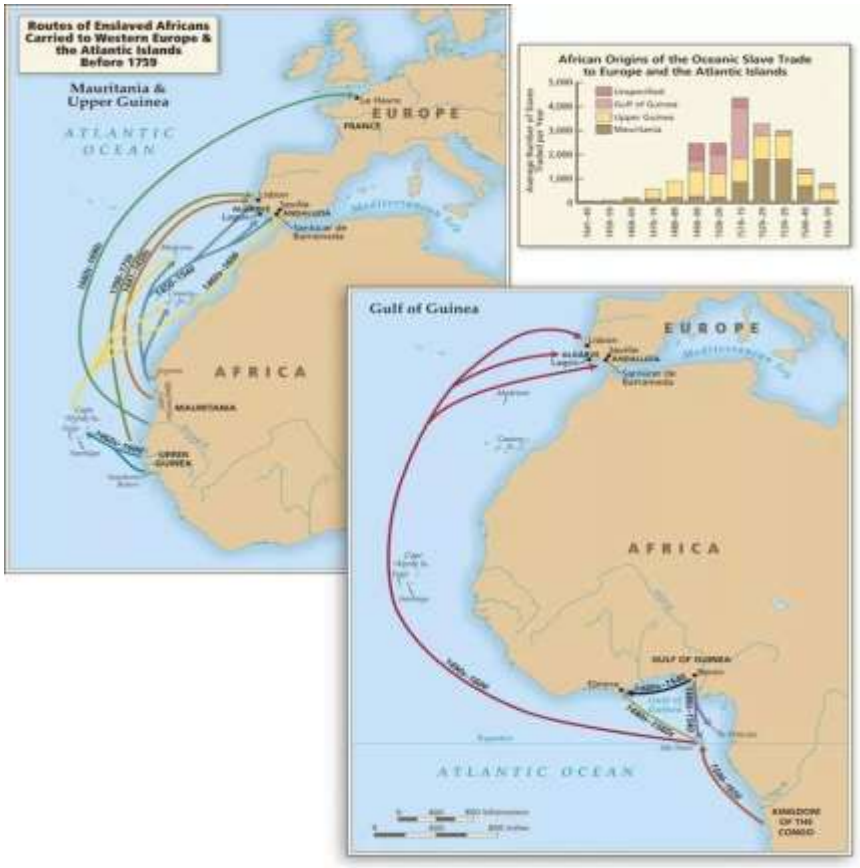
A relação de São Tomé com as colônias brasileiras começa quando o tráfico se intensifica para o Brasil e que a economia açucareira em São Tomé como o transporte de mercadorias de bens essenciais para Portugal, não estavam mais valendo tanto quanto o esperado, assim uma das principais atividades na ilha vai ficar sendo também como entreposto de escravos para o Brasil, sendo um porto bem movimento sobretudo no fim do século XVI.

Portanto as relações das colônias no Brasil de maneira geral também vão ser intensificadas com as colônias na África muito por conta do tráfico de escravos, mas que a proximidade entre as capitanias do brasil de maneira geral com as ilhas atlânticas na costa africana foi mais latente em aspectos administrativos e econômicos , ou seja sempre tiveram algo em comum.



Tendo destaque também no meio sociocultural, apesar de suas diversas diferenças, é inerente pensar que tanto Pernambuco como São Tomé foram bastante dependentes do comércio com os diversos povos nas suas proximidades.

Além de que tanto São Tomé quanto Pernambuco receberam uma grande quantidade de escravos no atlântico, sendo assim São Tomé torna-se em prima além de grande entreposto comercial de tráfico de escravos ao longo do século XVI, grande produtor da cana de açúcar em larga escala, utilizando como muito da mão de obra escrava, grandes plantações, criando uma interconexão atlântica muito forte, pois no início fora a cana de açúcar os moradores de São Tomé participavam do tráfico de escravos entre o Reino de Benim e o forte de São Jorge da Mina, os portugueses em São Tomé trocaram esses escravos por ouro. Em 1519, São Tomé obteve o monopólio desse tráfico de escravos entre Benim e a Costa de Ouro, em que os portugueses participaram desde 1480[12].



Mapa demonstrativo sobre rotas do tráfico escravo no Atlântico antes de 1759, destaque para São Tomé, servindo de entreposto também no oceano. Disponível em: https://www.geledes.org.br/escravizacao-de-africanos/.

[12] Seibert, Gehard. **Colonialismo em São Tomé e Príncipe: hierarquização, classificação e segregação da vida social**, pp. 103.



Sendo assim nota-se a grande importância dessas interconexões, pois com o monopólios de escravos a ilha servia de maior entreposto português de escravos no Atlântico, facilitando também a questão da mão de obra para o trabalho no engenhos de cana de açúcar, e logicamente o monopólio de escravos favorece também para que São Tomé nesse começo do século XVI, vá se tornar um dos maiores fornecedores de açúcar para o continente europeu, além de escravos.

Pernambuco também recebeu muitos escravos, diferente de São Tomé, em vários aspectos, mas que as sociedades tanto pernambucana como são tomense foram tendo fortemente aspectos socioculturais africanos, assim como pela sociedade de São Tomé ser mais antiga que a de Pernambuco, muito do que aconteceu em relação ao aproveitamento para produção de engenhos, em relação a sociedade, a maneira dos engenhos, é importantíssimo entender que essa problemática que está ligada a circulação de ideias[13], em conjunto com as experiências de uma maneira geral, mas que foram um conjunto de acontecimentos aos quais fizeram várias redes de interdependência existentes no mundo Atlântico do século XVI, assim fizeram com que em seu aprendizado surgiu como base para a implantação e desenvolvimento da colonização na ilha de São Tomé, assim como as ilhas da madeira, açores, cabo verde, e outras serviram de experiencia para São Tomé a mesma vai servir também para a implantação e desenvolvimento da colonização em outras regiões distantes ao longo do império marítimo português.

Portanto seria mesmo algo impossível de se afirma que a maneira de como lhe dar com os escravos não foi nem um pouco influenciada por esse processo no atlântico? Sendo assim, é imprescindível o entendimento da história não somente de São Tomé, mas da passagem portuguesas na África a fim de que se tenha um entendimento melhor sobre o Brasil.

Considerações finais

Dentre diversas similaridades pode-se dizer que não somente Pernambuco aparece neste contexto histórico, a qual faz-se referência as semelhanças socioculturais, administrativas coloniais, entre outras, as quais podem e devem ser

[13] Ver Alencastro, Luis Felipe de**. O Trato dos Viventes Formação do Brasil no Atlântico Sul,** pp. 65 e Boxer, Charles. **O Império Colonial Português**, pp. 122. Sobre a experiência de São Tomé e sua importância para as colonizações posteriores no atlântico.



mais exploradas em trabalhos historiográficos, pois ajudam até mesmo um olhar diferente sobre questões e acontecimentos no Brasil.

Sendo assim é imprescindível o questionamento tal como que as experiências de São Tomé e das outras colônias atlânticas não serviriam para o desenvolvimento de outras colonizações posteriores? Questionamentos os quais podem ser mais aproveitados para trabalhos posteriores, e que claramente podem e devem também servir para trabalhos não somente das linhas de pesquisa historiográficas, mas de outras ciências também, pois em vez de afastar o continente africano é preciso aproximá-lo para melhor entendimento de questões sobre a sociedade brasileira.

Assim apesar de curto, é preciso pensar também que o mundo atlântico e a sociedade colonial, nunca foi isolada, e havia além de circulação de pessoas desse meio social, de ideias, um contato de diversas culturas, e uma diversificação social grande, ou seja, é preciso não rotular e compreender melhor, pois entender melhor a relação entre Brasil e África e sua proximidade também é compreender muitos aspectos socioculturais brasileiros.

Referências

Albuquerque, Luís; Santos, Maria Emília Madeira; Esteves, Maria Luísa, **Portugaliae Monumenta Africana**, Vol. 3, executada pelo Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa, 2000.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**, Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.

BOXER, Charles Ralph. **O Império Colonial Português.** Tradução: Inês Silva Duarte, Ed. Edições 70, São Paulo, 1969.

FRAGOSO, João; Gouvêa, Maria de Fátima. (orgs.) **Na trama das redes: Política e negócios no Império Português, Séculos XVI-XVIII: Política e negócios no Império Português, Séculos XVI-XVIII,** Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2010.

FRAGOSO, João; Gouvêa, Maria de Fatima Silva; Bicalho, Maria Fernanda da Baptista. **Uma leitura do Brasil colonial: Bases da materialidade e governabilidade no Império.** Penélope: revista de história e ciências sociais, ISSN 0871-7486, Nº. 23, 2000.

SEIBERT, Gerhard. **Colonialismo em São Tomé e Príncipe**: hierarquização, classificação e segregação da vida social, *Anuário Antropológico*, II | 2015, 99-120.



MELLO, Evaldo Cabral de. **O bagaço da cana.** Os engenhos de açúcar do Brasil holandês. Ed. Penguin Classics Companhia das Letras, 2012, São Paulo, 2012,

PORTO, Costa. **Duarte Coelho,** Ed. Cadernos de cultura, Recife, 1961. Sweet, James H. **Recriar África cultura: parentesco e religião no mundo afro-português (1441 – 1770).** Ed. Edições 70, LDA. Lisboa, 2007.

THOMPSON, Edward P. **A formação da classe operária inglesa**, VOL. 1, A ÁVORE DA LIBERDADE, 4º ed. Tradução: Denise Bottmann, Ed. PAZ E TERRA, São Paulo, 2004.